

turas com a das outras tribos da área. As descrições da cultura material são excelentes, os desenhos que as acompanham muito claros e o material fotográfico no final do trabalho fala por si. Alguns dos dados apresentados por Hans Becher não foram até agora registrados para outros grupos sul-americanos, como, por exemplo, a grande maloca aberta, quase circular, que ambos os grupos habitam conjuntamente na estiagem, e que teria se desenvolvido a partir das pequenas choças circularmente ordenadas. Nas páginas dedicadas ao ciclo de vida, encontramos detalhadas descrições do complicado ritual funerário dessas tribos, sendo de especial interesse a forma combinada de exposição em árvores e cremação do morto, ainda não registrada na América do Sul, bem como o enterramento sumário dos velhos. Também a descrição de duas curas mágicas e do festival de evocação dos mortos, presenciados pelo autor, merecem especial menção. A secção relativa aos mitos dos Surára e Pakidái, entretanto, deixa muito a desejar, assim como determinados aspectos relativos à organização social, que mal foram abordados pelo autor.

Estribando-se em seus estudos de língua e cultura dos dois grupos e nos trabalhos citados na extensa bibliografia, Hans Becher conclui pela conveniência de se adotar na etnologia sul-americana a denominação Yanonámi ou Yanoáma para o grupo lingüístico e cultural daquêles silvícolas de pequena estatura e pigmentação clara do norte da Amazônia. Aryon Dall'Igna Rodrigues, em apêndice ao trabalho, apresenta 40 termos Surára e Pakidái com seus correspondentes Waiká, Karimé, Siriána e Waréma, com a finalidade de tornar mais patente o estreito parentesco entre essas línguas. O critério para a seleção desses termos foi a existência de formas registradas nas cinco línguas, de preferência vocábulos de natureza "não-cultural".

O trabalho de Hans Becher sugere a necessidade de maiores estudos nessa área, principalmente com relação aos contactos intertribais que aí se verificam. Significativa nesse sentido é a informação prestada pelo chefe Surára de que o "povo Yanonámi" compreende duas poderosas tribos, os Xiriána e os Waiká, que se encontram em constante pé de guerra, e de que as demais tribos menores dessa área se filiam a uma ou outra dessas duas facções, devendo-lhes, entretanto, tributos e vassalagem, o que já fôra anteriormente notado por Koch-Grünberg e Métraux.

Hans Becher, com esta monografia, traz uma importante contribuição para a etnologia sul-americana em geral, e para o maior conhecimento dos grupos indígenas do noroeste brasileiro em particular.

*Thekla Hartmann*

ANTONIO SERRANO: *Introducción al arte indígena del noroeste argentino*. Cuaderno 1 de la Revista de la Facultad de Ciencias Naturales. 46 págs., com 12 figs. 14 pranchas. Universidad Nacional de Tucuman. Salta, 1961.

O autor preocupou-se em situar o assunto específico de que trata dentro do contexto mais amplo da arte indígena em geral, discutindo o problema da estética, tal como é concebida pela cultura ocidental, em face das manifestações artísticas de povos primitivos. Apontando as contribuições de vários especialistas na questão, o autor resalta a dificuldade em penetrar e compreender a concepção do belo entre os vários grupos indígenas, e em separar as expressões propriamente artísticas daquelas em que não prevalece a intenção de criar o belo, e sim a de representar valores mágicos e mitológicos. Volta-se em seguida para os problemas suscitados pela arte decorativa, apresentando um quadro sintético da origem da decoração geométrica, em que "no se trata de construcciones apriorísticas; ellas han sido establecidas sobre el exacto conocimiento



del desarrollo de estilos 'vivos' y destinados a servir de base al estudio e interpretación del arte de culturas extintas" (pág. 28). No capítulo seguinte, divide o território argentino em 9 áreas de arte indígena — Noroeste, Chaco-Santiaguense, Serras Centrais, Litoral, a de Cuyo, Pampa, Patagonia, Fueguina e Chaquenha — "donde los estilos, empleo de materias primas, y tecnologia presentan un cierto grado de uniformidad", fazendo, entretanto, a ressalva de que "el concepto de provincia encierra un sentido de integración que no todas nuestras regiones tienen con respecto a otras". Finalmente, encontramos um rápido levantamento das manifestações artísticas no noroeste da Argentina, levando o autor em conta principalmente a arte decorativa.

*Thekla Hartmann*

P. ALCIONÍLIO BRÜZZI ALVES DA SILVA: *Discoteca etno-lingüístico-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauaburi. Ethnographic Record Collection of the Tribes of the Uaupés, Içana and Cauaburi Rivers.* 152 págs. São Paulo, 1961.

Trata-se de uma edição bilingüe (inglês e português) de comentários, textos e vocabulários, feita para acompanhar uma coleção de discos cujos originais foram gravados entre índios sediados na região dos rios mencionados no título. Do livro vê-se que foram publicados doze discos "long-playing", contendo, segundo o Autor, material de "25 idiomas indígenas diferentes, na voz de representantes de cada tribo".

A primeira parte do livro é dedicada aos quatro discos iniciais da coleção, contendo música instrumental e vocal dos índios, inclusive canções dos pajés.

Na parte lingüística, o Autor empenhou-se em reunir vocabulários à base de uma lista própria de 163 termos e da lista de Swadesh de 200 itens, parcialmente coincidentes. A abordagem foi inicialmente empírica, como bem consta da nota da pág. 61, da qual se vê que a lista do Autor começou pelos termos Deus, alma e demônio, termos os quais, quando sugeridos aos índios, foram vertidos por vocábulos equivalentes a coração (para alma) e nomes de personagens lendárias (para Deus e demônio). A transcrição usada é a fonética, tendo-se usado o termo "fonema" no sentido tradicional. Para evitar confusões, melhor teria sido falar em "sons", nestes casos. É fora de dúvida a honestidade de tôdas as informações do Autor, obtidas em vários anos de trabalho, durante os quais conseguiu aperfeiçoar os seus métodos.

É evidente que a presente edição é um complemento indispensável para os possuidores da coleção de discos. Quanto a êstes, pela amostra que foi dado ouvir ao resenhista, pode-se dizer que são de muito boa qualidade, recomendando-se a sua aquisição por instituições nacionais e estrangeiras, tanto para estudos lingüísticos e etnomusicológicos, como para fins didáticos. Outrossim, constituem documentação preciosa para futuras gerações.

*J. Philipson*

LILI RABEL: *Khasi, A Language of Assam.* XV + 248 págs., com 2 fotografias. Louisiana State University Studies. Humanities Series, Number 10. Louisiana State University Press. Baton Rouge, 1961. (Preço: US\$ 5.00).

A presente obra, tese de doutoramento, descreve a língua khasi do ponto de vista fonológico, e morfológico e sintático, descrição esta complementada por alguns textos. Trata-se de uma língua falada na parte setentrional de Assam e pertencendo à família lingüística Mon-Khmer. Não existia sobre o khasi nenhum tratado moderno, havendo, porém, entre outros, vários trabalhos do Pe. W. Schmidt, do começo deste século, apli-